

A perspectiva em questão: Sílvio Romero e Araripe Júnior, intérpretes de Euclides da Cunha

Fernando Simplicio dos Santos

Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, Rondônia, Brasil
fernandosimpliciosantos@unir.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i3.1508>

Resumo

O objetivo deste trabalho é avaliar os discursos críticos de Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911) e de Sílvio Romero (1851-1914), em especial, a partir da interpretação que ambos fazem do romance *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866-1909). Em meio a outras pressuposições, parte-se da hipótese de que, com as suas distintas leituras, tanto Romero como Araripe colaboraram para fundamentar a base de futuras análises da obra mencionada ou suas implicações, contribuindo, portanto, para introduzi-la no cânon literário nacional.

Palavras-chave: *Os sertões*; Araripe Júnior; Sílvio Romero; Euclides da Cunha.

La perspective en question : Sílvio Romero et Araripe Júnior, les interpréteurs d' Euclides da Cunha

Résumé

Ce travail a le but de présenter quelques considérations sur le discours critique des écrivains Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911) et Sílvio Romero (1851-1914), a partir de deux textes où ces auteurs brésiliens analysent le roman intitulé *Os sertões* (1902), d' Euclides da Cunha (1866-1909). Entre d'autres caractéristiques, on croit que Sílvio Romero et Araripe Júnior ont élaborés le modélé des analyses de ce grand chef-d'œuvre de la littérature brésilienne. Ainsi, ils ont contribué pour introduire *Os sertões* dans le canon littéraire national.

Mots-clés: *Os sertões*; Araripe Júnior; Sílvio Romero; Euclides da Cunha.

Introdução

Embora considerados fundamentais para o estudo e a sistematização da literatura nacional, tanto os escritos de Sílvio Romero (1851-1914) quanto os de Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911) deixaram de ser frequentemente avaliados nas pesquisas de teoria, de história e de crítica literária. Nesse sentido, pensando na importância que esses autores exercem no patamar cultural brasileiro, de modo geral, a proposta deste artigo é analisar os discursos de Romero e de Araripe a respeito do romance *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866-1909). Para a consecução do objetivo, foram selecionados: a) a “Preleção pronunciada aos 18 de dezembro de 1906”, por ocasião da recepção do Dr. Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras; b) a apreciação intitulada “Os sertões” (1904¹), de Romero e de Araripe, respectivamente. Valemo-nos de textos teóricos que investigam as produções destes dois estudiosos, bem como a obra artística de Euclides da Cunha, destacando os trabalhos de Antonio Candido, Alfredo Bosi,

¹ 1904 foi o ano da primeira edição do texto de Araripe. Para a constituição do presente trabalho, recorremos à edição que está no livro *Araripe Júnior. Teoria, crítica e história literária*, organizado por Alfredo Bosi em 1978.

Alberto Luiz Schneider, Walnice Nogueira Galvão, Roberto Ventura, Francisco Foot Hardman e Luiz Roberto Velloso Cairo.

Por se tratar de um exame detalhado do discurso da crítica literária de fins do século XIX e começo do XX, retomam-se, do mesmo modo, determinadas definições relativas à sociologia da literatura, com intuito de averiguar como Sílvio Romero e Araripe Júnior concebiam a história, a política e a cultura de sua época. Ao mesmo tempo, será trabalhada a definição do método mesológico e psicoestético, de Araripe, além de delimitar, também, a concepção do método sociológico-crítico, de Romero. Sob tal enfoque, ao investigar as considerações que estes intérpretes tecem em torno do referido livro euclidiano, o presente artigo não permite apenas desenvolver uma reflexão sobre as atrocidades suscitadas durante o Movimento Messiânico de Canudos (1896-1897), mas, notadamente, revela certos caminhos percorridos pelo pensamento destes dois intérpretes do Brasil e de nossa crítica e teoria literária.

Romero e Araripe: precursores da crítica literária nacional

Ao analisar as apreciações *sui generis* que Romero e Araripe desenvolvem d’*Os sertões*, é fundamental traçar, antecipadamente, algumas considerações referentes às características científicas, estéticas e literárias da época em que os estudos críticos dos autores e o referido romance foram elaborados. Em primeiro lugar, devido às influências das teorias científicas europeias que demarcaram a segunda metade do século XIX, destaca-se a preocupação com a constituição de uma literatura e de um método crítico peculiares. Estes estavam baseados no positivismo francês, no evolucionismo inglês e, posteriormente, no monismo alemão, cujas expressões principais são reconhecidas nas obras de Comte, Littré, Taine, Darwin, Buckle, Spencer e Haeckel. No que tange a estas observações, o ponto a sublinhar é que

Era importante dar um caráter de ciência à literatura, à crítica literária. O crítico tinha um método científico e nele fundamentava a sua análise, e assim contribuía para a criação da Ciência da Literatura. A crítica literária, desta maneira, perdia o caráter de simples especulação interpretativa e ganhava o cunho de seriedade e veracidade que reveste o conhecimento científico. (CAIRO, 1996, p. 39).

Assim, além da preocupação constante com a análise da obra literária, Araripe e Romero, também, preocupavam-se com o aperfeiçoamento do método científico crítico, que o último interligava mais às questões sócio-político-culturais da época. Segundo Alberto Luiz Schneider (2005), pode-se dizer que as teorias técnico-científicas, por um lado, contribuíram para que alguns intelectuais brasileiros pensassem as origens e o destino de um país tão caracterizado pela miscigenação entre as raças; por outro, colaboraram negativamente para difundir a ideologia preconceituosa de um discurso social-conservador. Em meio a esse debate, havia ainda uma preocupação de cunho técnico: deixar a literatura e a crítica literárias mais científicas. Nesse sentido, escritores como Capistrano de Abreu, José Veríssimo, Sílvio Romero, Araripe Júnior, Euclides da Cunha, por exemplo, cooperaram para consolidar relevantes e inovadoras interpretações da sociedade e da literatura nacional, pois, por meio de suas obras, “o desejo por objetividade, o gosto pelo realismo e pelo naturalismo e os consequentes determinismos físicos e etnográficos tenderam a orientar, de um modo ou de outro, quase todos os esforços de refletir-se sobre o país” (SCHNEIDER, 2005, p. 27). Assim, estudiosos

destacam o aspecto nacionalista que está presente em grande parte da *História da literatura brasileira* (1888), de Sílvio Romero, e não somente o caráter cientificista que, frequentemente, é-lhe considerado, por exemplo.

Em segundo lugar, do mesmo modo, é conveniente mencionar quais eram as tendências metodológicas que direcionavam as concepções da crítica literária de fins do século XIX e princípios do XX. Como observa Antonio Candido (1978), os conceitos predominantes eram organizados, de forma geral, por meio de três grupos distintos: *os não-estéticos*, *os estéticos* e *os propriamente técnicos*. O primeiro grupo, entre outras particularidades, concernia àqueles que processavam diretamente as teorias científicas e sociais, vigorantes no período em questão. O segundo, por sua vez, era designado aos que tinham interesse no universo da obra e nos possíveis aspectos literários a ela intrínsecos. Finalmente, o terceiro grupo estava relacionado à *fatura*, isto é, a temas relativos a conceitos de análise recorrentes na Europa daquele momento histórico e, por conseguinte, à tentativa de elucidá-los e de readaptá-los ao contexto nacional, à “realidade” brasileira.

Antonio Candido exemplifica tais conceitos, relacionando-os à obra de três importantes críticos do nosso país. De tal modo, ele verifica que, naquele contexto, somente Araripe aproximava-se da última tendência analítica referida, talvez por demonstrar certo interesse nas questões de teoria literária. Cita-se, como exemplo disso, a frequente comparação que Araripe faz entre a psicologia e o estilo, para os quais a sua perspectiva investigativa se volta. Por seu turno, ainda para Candido, a produção crítica de José Veríssimo representa o segundo aspecto citado acima, ou seja, inclui-se entre *os estéticos* — uma vez que é explícita a sua preocupação com a coerência interna da obra e a lógica com que uma personagem é descrita. Por sua vez, nos escritos de Romero², são predominantes as recorrentes constatações que se encaixam na primeira vertente exposta, pois, habitualmente, este estudioso demonstrava certa fidelidade ao “*real*”. Dessa forma, o comentário que Sérgio Buarque de Holanda faz da obra crítica de Sílvio Romero é sugestivo: “inscrevendo a atitude literária intelectual numa portentosa construção, que tinha por ápice a Sociologia, ele desdenhou a atitude daqueles que, como José Veríssimo, se teriam preocupado em ‘obedecer’, no estudo dos autores, ao critério puramente estético” (HOLANDA, 1996, p. 360). De tal modo, ao resgatar as três categorias citadas acima (*não-estéticas*, *estéticas* e *propriamente técnicas*), pode-se apresentar um panorama geral das concepções analíticas do período em que Romero e Araripe escreveram seus textos críticos. Sendo assim, torna-se mais clara a coligação entre os métodos sociológico-crítico e psicoestético, respectivamente de Romero e de Araripe.

De acordo com a proposta de tal tríade analítica, é importante assinalar que essas concepções, referentes à abordagem interpretativa da época, correspondem, de certo modo, à maneira pela qual se compreendiam algumas funções da literatura, já que esta também era concebida (embora haja variados questionamentos sobre este ponto de vista) como se fosse o “reflexo da própria realidade”. Portanto, não deixa de ser identificado um peculiar embate entre os limites da imaginação *versus* certa fidelidade ao real, também presentes de modo geral nos textos de Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo, ou, até mesmo, em escritos polêmicos de romancistas do período.

² Sob esse prisma, Antonio Candido (1978, p. 24) afirma que Sílvio Romero, por vezes, a partir de estudos literários (ao contrário da crítica contemporânea), estava mais interessado em apresentar uma visão da realidade do país da época.

Enfim, é necessário retomar brevemente o que se entendia naquele período por análise literária, no geral: a) destacam-se as citações de trechos de romances estudados, que, por consequência, deveriam explicitar aspectos da personalidade do autor — este traço dependia do enfoque adotado por cada crítico; b) sublinha-se a tentativa de resumir a obra, a fim de melhor explicá-la e apresentá-la com minúcia para o leitor (característica esta que era considerada a maneira em voga de analisar produções literárias; c) observa-se também o ponto de vista valorativo, o qual era direcionado por uma tendência muitas vezes generalizante, que também era diferenciada pela perspectiva analítica de cada autor, como, por exemplo: a admiração por algum escritor ou pela aproximação de uma obra a um acontecimento verídico. Existiam, de forma abrangente, três fases referentes à abordagem crítica: a de constatação, demonstração e avaliação, direcionadas, por sua vez, pela metodologia cientificista do momento histórico em pauta.

O Movimento Messiânico de Canudos

Os movimentos messiânicos no Brasil, em virtude de sua constituição política e cultural, apresentam uma representação utópico-social, de certa maneira, relacionada às acepções de cunho revolucionário. Por conta disso, o messianismo no decorrer das épocas incorporou formas políticas e passou a reivindicar em prol de uma classe social dita injustiçada, por causa das crises do sistema governamental. Esta característica pode ser explicada por meio das próprias concepções doutrinárias religiosas que estão presentes em tais movimentos, já que preconizam a construção de um mundo novo e igualitário, cuja base proviria do Reino dos Céus, semelhantemente aos preceitos bíblicos³. Sendo assim, não é difícil compreender que os aglomerados messiânicos, em virtude da contestação à classe social dominante, tenham sido destruídos pelos governantes e desclassificados pela Igreja, desde meados da colonização. Só para citar alguns exemplos, mencionam-se a Revolta da Serra do Rodeador (1817) e o Contestado (1912).

Por sua vez, o Movimento Messiânico de Canudos foi uma das revoltas que obtiveram mais repercussão nacional. Surgido nos sertões da Bahia em torno de 1893 e organizado pelo beato católico Antônio Vicente Mendes Maciel – o Conselheiro –, o episódio marcou uma das páginas mais sangrentas da História do Brasil. Por volta de 1895, o exército e o governo começaram a guerrear contra Canudos (batalha esta que seria composta por quatro expedições). Por outro lado, a aniquilação total do arraial e, conseqüentemente, a morte do Conselheiro consolidaram-se apenas em 1897, ou seja, quatro anos depois da formação do Movimento. Durante este período, as estatísticas comprovam que o arraial de Canudos aglomerou aproximadamente cerca de 25 mil pessoas. Possivelmente, os aspectos relacionados às fronteiras que delimitam a civilização e a barbárie tornem os acontecimentos representados n’*Os sertões*, infelizmente, ainda tão atuais.

³ Nesse sentido, destacam-se as constatações que Leopoldo M. Bernucci faz dos aspectos religiosos presentes n’*Os sertões*: “não se pode deixar de buscar a nova imagem do arraial conselherista como *axis mundi* ou a nova Jerusalém. E desta forma se instauram ressonâncias bíblicas que contribuem para fazer de Canudos um lugar inexaurível de infinitas possibilidades interpretativas (*dilúvio, Canaã sagrada, arca de aliança, Anticristo, Babilônia*)” (BERNUCCI, 2002b, p. 20). É interessante apontar para o fato de que as imagens presentes no livro de Euclides da Cunha remetem tanto para um sentido paradisíaco quanto para uma acepção profana.

Nesse contexto, não é difícil perceber que as notícias dos conflitos ocorridos nos confins do sertão baiano ganharam espaço na imprensa da época. Dentre os correspondentes dos jornais do período (influyente e decisivo veículo cultural e de informações genéricas), destacam-se, em meio a muitos outros, Euclides da Cunha (redator de *O Estado de São Paulo*) e Manuel Benício (representando o *Jornal do Comércio*). Nesse sentido, é interessante mencionar também que ambos os autores eram ex-militares e produziram romances sobre os fatos vivenciados por eles no arraial. O importante a observar aqui é que muito do que se sabe hoje sobre o Movimento Messiânico de Canudos deve-se à tipografia, passando, com exclusividade, pelo crivo dos jornais do período.

Estes importantes veículos de informação transmitiam o que acontecia no arraial, porém não deixando de direcionar a interpretação das matérias por eles publicadas. Portanto, a mídia do período em questão provavelmente contribuiu para a constituição da análise que Sílvio Romero e Araripe Júnior fazem d'*Os sertões* — publicado cinco anos após a destruição de Canudos. Entretanto, observa-se que nem tudo o que foi divulgado nas páginas jornalísticas referente a este Movimento Messiânico era devidamente válido, pois, por vezes, o ponto de vista dos correspondentes é deturpado, ou seja, desvia-se daquilo que realmente aconteceu, ora porque alguns enviados especiais eram adeptos do governo, ora porque, perante os fatos, a *fantasia* muitas vezes se sobressaía. Nota-se que, atualmente, estes aspectos estão contidos na discussão que se faz sobre a *narrativa da escrita da História*, entre outras questões. Em suma, ressalta-se que: “é no quadro desse mosaico desordenado e policromo do jornal brasileiro do ano de 1897 que vai entrar, fermentando a desordem e carregando nas cores, a representação escrita e imediata, em cima do fato, da Guerra de Canudos” (GALVÃO, 1977, p. 32). Por sua vez, a crítica literária da época, exemplificada aqui por Araripe e Romero, tentando cada vez mais aperfeiçoar seus mecanismos, era responsável por fazer uma análise técnica, social e científica de tais acontecimentos, ora valendo-se do método psicoestético ou mesológico, ora utilizando o método sociológico-crítico.

Sílvio Romero, intérprete d'*Os sertões*

No “Discurso pronunciado aos 18 de dezembro de 1906, por ocasião da recepção do Dr. Euclides da Cunha”, na Academia Brasileira de Letras, Sílvio Romero faz considerações sobre a função crítico-social que *Os sertões* exercem, procurando delimitar o modo como Euclides da Cunha o elaborou teoricamente, buscando, naturalmente, nas teorias científicas, uma maneira de explicá-lo. Demais, o autor da *História da literatura brasileira* delimita a função dos variados discursos críticos relevantes do período, demarcando, por exemplo, as divergências entre: a crítica literária e a jurídica; a filosófica e a religiosa; a história e a política, etc. É interessante observar que Romero tenta mapear a vasta produção intelectual existente no Brasil dos fins do século XIX e princípios do XX. Para tanto, não deixa de questionar a classe dirigente daquele momento histórico.

Por meio de seu método sociológico-crítico, Romero compreende que *Os sertões* “não é um produto meramente literário, como as dezenas de tantos outros que se afez manusear. É um sério e fundo estudo social de nosso povo” (ROMERO, 1910, p. 360-361). Isso porque, para este crítico, a realidade era, de certo modo, mais expressiva do que a ficção. A sua apreciação do romance euclidiano aproxima-se mais da perspectiva de um historiador ou de um sociólogo do que daquela que definiria, atualmente, a crítica

literária ou algumas de suas funções. Entretanto, não se pode esquecer que estas características provêm dos modelos cientificistas predominantes no contexto: “que reduziam a obra literária ao estudo dos fatores externos e a reputavam sintoma de uma orgânica mais ampla — soldando-a de tal forma na natureza e na sociedade, que sufocavam a sua essência nos desvios do acessório” (CANDIDO, 1988, p. 12). A partir destas constatações, convém observar que certas indagações às concepções deterministas por vezes não consideram que tais teorias, apesar de seus equívocos, contribuíram para constituir as bases da história da literatura e da crítica modernas⁴.

Tendo em vista as aproximações entre a literatura, o contexto histórico e os métodos científicos daquele período, não é difícil sublinhá-los tanto no discurso de Sílvio Romero quanto na obra por ele analisada. Ao perscrutar *Os sertões*, ele reconhece as fontes teóricas utilizadas por Euclides da Cunha, citando, por exemplo, os ensinamentos mesológicos de Buckle e os fundamentos históricos e etnográficos de Taine⁵. Por tal enfoque, observa-se que a própria elaboração estético-estrutural da produção de Euclides aponta para o “espírito determinista” em vigor⁶. Pode-se dizer que há certa afinidade do pensamento crítico com as cogitações presentes no romance, uma vez que Romero reconhece, nele, as mesmas doutrinas de seus mestres e, por isso, tenta explicá-las por meio de sua vasta erudição: ora ressaltando as minúcias com as quais são descritas a terra, o sertanejo, os costumes, etc., ora destacando-as em seu contexto social, político e cultural, com intuito de readaptá-las à sua própria perspectiva de interpretação.

Para Romero, não é a natureza física que se faz predominante n’*Os sertões*, mas “o nervo do livro, seu fim, seu alvo, seu valor, estão na descritiva do caráter das populações sertanejas de um dos mais curiosos trechos do Brasil” (ROMERO, 1910, p. 362). O foco principal da análise ainda permanece sob a ponto de vista sociológico. Então, poder-se-ia dizer que, assim como Euclides fora buscar exemplos na realidade social do país para elaborar a sua obra literária, Romero a interpreta a partir do mesmo prisma, salientando um tipo peculiar de crítica. Não é por acaso que a literatura, segundo uma definição canônica da época, estava restritamente interligada ao real. Por esse motivo, Romero tenta delimitar os caminhos percorridos por Euclides para relacioná-los ao seu prisma sociológico-crítico ou aos elementos não-estéticos.

Romero e Araripe, de certa maneira, foram os primeiros a analisar o caráter social exercido n’*Os sertões*. Diferentemente de José Veríssimo, pois, devido ao seu método: “na atividade desenvolvida, enquanto analista de seu tempo, que vai se registrar, de modo agudo, a duplicidade de quem, como o nosso crítico [Veríssimo] *não era capaz* de transpor, para a consideração das obras literárias, as preocupações que absorviam no espaço traçados pelas coordenadas sociais e políticas” (BARBOSA, 1978, p. 33). Estas preocupações talvez não estejam presentes na análise intitulada “Campanha de Canudos” (s/d), porque José Veríssimo, apesar de delimitar as tendências entre literatura e ciência,

⁴ Cf., por exemplo, as considerações presentes no livro *O método crítico de Sílvio Romero* (1988), de Antonio Candido.

⁵ Cf. Romero (1910, p. 362).

⁶ Por se tratar de uma análise específica do discurso crítico de Sílvio Romero e de Araripe Júnior, é importante frisar que não se pretende estudar minuciosamente a obra em questão, mas, sim, delimitar algumas características a ela concernentes.

considera em demasia os aspectos que demarcam um ideal clássico da linguagem, ao voltar o seu foco interpretativo para o caráter gramatical de *Os sertões*⁷.

Sobretudo na última parte do “Discurso pronunciado aos 18 de dezembro de 1906”, Romero demonstra uma sóbria consciência política que vai de encontro a muitas contestações feitas acerca de sua obra de crítica literária. Para exemplificar tal traço peculiar de sua análise, destacam-se as seguintes características do texto de Romero: a) as que demarcam questões sobre a identidade nacional e a formação social do país; b) as que tratam de certas analogias estabelecidas pelo crítico: as quais denunciam, por sua vez, o preconceito racial da sociedade e as falhas de um sistema governamental defasado, incoerente e injusto; c) por fim, as críticas à própria visão elitista dos intelectuais (ícones da elite da época) para quem, na Academia Brasileira de Letras, Romero diretamente se dirigia.

Por parte deste crítico, há uma tentativa que insiste em relacionar os fatos ocorridos no Movimento Messiânico de Canudos com as concepções políticas, econômicas e sociais nacionais, transcendendo uma visão restrita ao “objeto artístico” – como concebia José Veríssimo, por exemplo. Convém observar que, mesmo que às vezes haja, no texto analítico em pauta, certa redução do literário, isto não prejudica o mérito da apreciação que Romero esboça. Ele mapeia os traços contextuais procurando compreender o porquê das divergências sociais entre o sertanejo (“bárbaro”) e o homem (“civilizado”). Nesses meandros, ressalta-se o papel que, para Romero, o pensador brasileiro de meados do século XX deveria cumprir. O exame da obra de Euclides da Cunha é, portanto, relacionado à situação do intelectual periférico (latino-americano, brasileiro e, no próprio caso do crítico em pauta, nordestino ou sertanejo). Desse modo, percebe-se que esta característica se estabelece por meio dos efeitos estéticos propiciados pela leitura que Romero faz de *Os sertões*.

Nesse entendimento, a análise passa a considerar questões sobre a nacionalidade, a política e a situação do intelectual em face de diversos problemas do Brasil (traços estes que, de certa forma, se encaixam perfeitamente no método sociológico-crítico de Romero). Entre outros aspectos, são sublinhados alguns assuntos referentes às adversidades vivenciadas pela comunidade sertaneja, a qual representaria, para Romero, a população nacional por excelência⁸. No entanto, o que chama mais a atenção do leitor é a crítica que Romero faz contra os intelectuais da Academia Brasileira de Letras, isto é, para quem a preleção era dirigida:

Não estamos no caso de ter academias de luxo, quando o povo não sabe ler; de ter palácios de Monröe, quando a maior parte da gente mora em estalagens e cortiços, e as casas de pensão proliferam; de ter avenidas à beira-mar e teatros monumentais, que vão ficar fechados, quando não temos fartas fontes de renda, quando a miséria é geral em quase todas as cidades e todas as vilas do Brasil. (ROMERO, 1910, p. 393).

⁷ Para uma compreensão mais minuciosa e atenta desse assunto, recomenda-se averiguar as considerações feitas por João Alexandre Barbosa na introdução do livro *José Veríssimo: teoria, crítica e história literária*. São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: LTC, 1978.

⁸ Sobre a questão da nacionalidade presente na obra de Sílvio Romero, segundo Afrânio Coutinho, destaca-se que, “se a literatura era um produto da raça mestiça que constitui o povo brasileiro, o seu critério crítico era de cunho ‘americanista’, no sentido de que tudo que ‘há contribuído para a diferenciação nacional’ é de valor e ‘a medida do mérito dos escritores’ é esse critério de adequação à realidade brasileira e sua expressão” (COUTINHO, 1980, p. 409).

Com as discrepâncias grifadas por Romero, entre as elites (econômica e cultural) e os pobres (índios, negros e sertanejos), nota-se uma tentativa de conscientização de um problema que, de maneira distinta, condiz com a própria formação da identidade cultural brasileira, muito em voga desde os tempos da colonização. Infelizmente, este discurso, mesmo que tenha equívocos sob a perspectiva teórica literária contemporânea, é ainda tão abrasivo e atual: por suscitar questões que estão até hoje presentes na sociedade nacional. A partir de sua análise sociológica d’*Os sertões*, Romero anteviu o poderio e as consequentes mazelas que seriam impostas pelas nações neoimperialistas em nome da civilização, do progresso e do desenvolvimento, mas também sob o signo da barbárie, da exploração e da miséria. E, ao grifar a condição dos povos latino-americanos em face das nações preponderantes, ele observa que:

O Brasil progredirá, é certo; porque ele tem de ser arrastado pela enorme reserva de força, poder e riqueza, que está nas mãos das três ou quatro grandes nações postadas à frente do imperialismo hodierno. Progredirá quase exclusivamente, com os braços, os capitães, os esforços... e, se não estivermos aparelhados... por todos os recursos da energia do caráter, para a concorrência, iremos, nós os latino-americanos... para o segundo plano...; ficaremos, os da elite de hoje, na mesma posição a que temos condenado os africanos e índios e seus filhos mais próximos que trabalharam para nós. Triste vingança da história. (ROMERO, 1910, p. 399-400).

Neste trecho, o crítico, que é frequentemente acusado de demonstrar um ponto de vista preconceituoso, defende as etnias nacionais, reivindicando a integração e a igualdade social que foram revogadas ao negro, ao índio e ao sertanejo, mesmo colaborando, através de seu árduo trabalho, para a melhoria da infraestrutura brasileira e por contribuírem para estabelecer uma rica cultura multifacetada. Contudo, ainda excluídos pela secular condenação de uma elite econômica, a qual, de certa maneira, dominava e continua a dominar o patamar sócio-político-cultural.

Com seu método sociológico-crítico, Romero identifica determinados aspectos “negativos” d’*Os sertões*, entretanto, não menciona uma suposta falta de coerência e de coesão textuais ou destaca um estilo “rebuscado⁹”. Isto não ocorre porque ele percebia, de antemão, que esta produção literária seria considerada um dos ícones máximos da literatura. Além do mais, é importante reiterar que a perspectiva de Sílvio não lhe fornecia subsídios para constituir uma análise totalmente técnica/teórica. Por outro lado, ajudava-o compreender que, no contexto nacional, os trabalhos literários teriam que estar estritamente relacionados a preceitos político-sociais, pois, para o crítico, “são [mais] facilmente realizáveis, sem intervenção estrangeira, os fatos políticos e até sociais, que temas literários, em assuntos de escritos e discursos, que deixam larga margem a frases bonitas, a períodos elegantes, a meneios retóricos eloquentes” (ROMERO, 1910, p. 387). Embora, para Sílvio Romero, a originalidade d’*Os sertões* siga esta assertiva, ainda assim, ela não interfere na máxima realização “literária” desta obra.

A partir das constatações expostas, depreende-se que a reflexão feita por Romero em torno da obra de Euclides da Cunha é, de certa maneira, uma intensa preocupação com a sua própria condição de homem intelectual (latino-americano, brasileiro e nordestino), a qual não deixa de ser preestabelecida pelas tendências contextuais que

⁹ É necessário observar que o estilo de Euclides da Cunha seguiu o modelo de escrita das sociedades consideradas “civilizadas”. Por isso, Araripe e Romero pretendiam remediar tal discrepância ao sublinhar a importância do meio e da mistura cultural e étnica.

direcionavam o pensamento crítico da época. Tal preocupação está correlacionada a “uma posição existencial dramática do intelectual brasileiro, que, num contexto dominado pela obsessão biológica do século, perguntava ansiosamente a quantas ficaria, ele, fruto de um povo misturado, marcado pelo medo da alegada inferioridade racial, que no entanto aceitava como postulado científico” (CANDIDO, 1978, p. 29). Decerto, estas questões comprovam que Romero era um intelectual intensamente preocupado com seu o tempo e com a sua nação — é por esta razão que, para analisar a produção literária de Euclides, ele faz uma avaliação focalizando o seu momento histórico e o papel social por ele desempenhado. Assim, segundo Romero, a crítica literária tinha que exercer, especialmente, sua função questionadora, até mesmo a despeito das peculiaridades estéticas.

Por fim, outro ponto a ressaltar diz respeito à paulatina transformação do pensamento intelectual do período. Com efeito, as teorias evolucionistas foram pouco a pouco dando lugar a inovadoras maneiras de investigar uma obra artística ou de refletir sobre a sociedade, por exemplo. Não obstante, é preciso ressaltar que, mesmo Sílvio Romero tendo consciência da mudança das teorias de seu contexto, foi sempre fiel ao seu método sociológico-crítico. Ainda assim, percebe-se certo desenvolvimento em sua própria perspectiva interpretativa e na sua percepção em torno das modificações do processo de análise, conquanto não os adotasse completamente¹⁰. Como exemplo, destaca-se que, conforme Candido (1988, p. 84), Romero, em sua maturidade crítica, não perscrutaria mais uma obra considerando a relação entre natureza e produção literária, já que essa acepção passaria a ser estabelecida por meio dos próprios componentes que constituem a sociedade – pois já seriam estes elementos os representantes diretos do meio e da raça.

V. Araripe Júnior, intérprete d’*Os sertões*

O escrito intitulado “Os sertões”, publicado por Tristão de Alencar Araripe Júnior em 1904, trata essencialmente de uma reflexão acerca do episódio de Canudos, da psicologia das personagens e do estilo de Euclides da Cunha, revelando, assim, afinidades com os métodos mesológico e psicoestético. Nesta apreciação, Araripe enceta o seu texto fazendo menção às dificuldades de interpretação e de análise impostas pelo romance em foco. O crítico destaca também o *boom* de informações que veicularam nos meios de comunicação da época, relativas aos acontecimentos ocorridos no arraial e às lendas a respeito do Conselheiro e de suas realizações proféticas. Como exemplo, Araripe cita as anedotas transcritas nos principais jornais, sobretudo as apresentadas nas reportagens de Manuel Benício, que influenciaram a sua leitura. Todavia, o crítico deixou-se envolver pela emoção em torno das atrocidades apresentadas n’*Os sertões* – o que, de certa maneira, comprometeu sua apreciação técnico-científica, segundo os moldes da época:

Criticar esse trabalho não é mais possível. A emoção por ele produzida neutralizou a função da crítica. E, de fato, ponderando depois, calmamente, o valor da obra, pareceu-me chegar à conclusão de que *Os sertões* são um livro admirável, que encontrará muito poucos, escritos no Brasil, que o emparelhem, — único, no seu gênero, se entender-se a

¹⁰ Com a análise parcial deste trabalho, seria difícil percorrer detalhadamente a evolução do pensamento crítico de Sílvio Romero. Por este motivo, propõem-se meramente algumas considerações acerca de seu ponto analítico em face da obra de Euclides da Cunha. Se não fosse assim, provavelmente a tendência seria reduzir essa análise de Sílvio Romero ou, até mesmo, deturpar o seu método.

que reúne a uma forma artística superior e original uma elevação histórico-filosófica impressionante e um talento épico-dramático, um gênio trágico como muito dificilmente se nos depara em outro psicologista nacional. (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 220).

Para Araripe, Euclides surge no panorama artístico-cultural como um dos principais romancistas da literatura brasileira. Não por acaso, Araripe o chama de “psicologista”, ou seja, por ter Euclides capacidade de adentrar na mente do ser humano, revelando os seus segredos mais recônditos. *Os sertões* fascina: “e essa fascinação resulta de um feliz conjunto de qualidades artísticas e de preparo científico, posto ao serviço de uma alma de poeta, que viveu, em grande parte, a vida dos agrupamentos humanos” (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 220). Aliás, é interessante observar que, assim como Euclides, Araripe Júnior foi um militante, pois acreditava que um intelectual não poderia ser formado apenas a partir do contato com as Letras. Por exemplo, em 1893, ambos os escritores, além de Raul Pompéia, participaram da Revolta Armada, a fim de proteger o Rio de Janeiro dos acometimentos da Marinha Nacional. Talvez seja por causa destes aspectos ideológicos (aparentemente semelhantes) que Araripe admirasse tanto Euclides como Raul Pompéia.

No que concerne ao texto analisado, o que também chama a atenção do leitor é a relação restrita que Araripe faz entre *Os sertões* e a teoria por ele desenvolvida a respeito da *Obnubilação Brasileira*¹¹, uma vez que esta direciona, de forma peculiar, toda a sua apreciação crítica da obra euclidiana. Por esse prisma, Araripe menciona que este fenômeno se constitui especificamente “pela transformação por que passavam os colonos atravessando o Oceano Atlântico e pela posterior adaptação ao meio físico e ao ambiente primitivo” (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 225). Transpondo estes exemplos para a apreciação do livro de Euclides, há uma tentativa de readaptação da mesma teoria através da análise da mestiçagem luso-africana, a qual se estabeleceu paulatinamente nos sertões da Bahia e que, para o crítico, passou pouco a pouco a dominar e influenciar o homem branco (sem contato imediato com a civilização), impondo-lhe outras características étnicas e morais e adaptando-o aos modos de vida do mulato ou do sertanejo.

Sob essa perspectiva, esta seria uma das explicações da influência que o meio exerceu sobre os portugueses que nos sertões foram viver. Araripe constata que foi neste ambiente que se “formou um tipo, o curiboca, tipo valoroso, astuto e forte, o qual predominou no isolamento a que foram condenados os sertões do norte” (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 226). Assim, percebe-se a explicitação do método crítico *mesológico* de Araripe Júnior, o qual provém diretamente das teorias de Taine e de Buckle.

Quanto à análise de cunho *psicoestético* d’*Os sertões*, é importante observar que existe certa tendência de explicar os acontecimentos ocorridos em Canudos por meio dos fatos presenciados por Euclides, embora, no presente texto de análise, esta teoria não seja totalmente praticada por um dos mestres da geração de 1870. Isso ocorre porque a perspectiva crítica pretende explicar mais as consequências que o meio exerce sobre o homem sertanejo e, especificamente, sobre a sua psique; ao passo que sobre o trabalho de Euclides são consideradas observações de práxis literária. Como, por exemplo, a maneira pela qual os fatos são descritos e narrados. Embora perceptível, nesta apreciação não há uma correlação *direta* entre a psicologia do escritor e a composição de *Os sertões*, apesar de ser implícita. Talvez o crítico se apercebesse de que Euclides, representante nato do

¹¹ Convém mencionar que a teoria da *Obnubilação Brasileira* foi elaborada e melhor desenvolvida na análise que Araripe faz em torno da obra de Gregório de Matos, publicada no *Jornal do Brasil* em 1893.

mundo civilizado, não estava totalmente imbuído das transformações exercidas pelo meio sertanejo, já que, em face dos acontecimentos ocorridos no arraial, conseguia averiguá-los através de um ponto de vista diferente daquele dos habitantes dos sertões baianos:

Euclides da Cunha, seguramente, nunca transitou, como aquela criança, pelo corredor da morte; mas é certo que atravessou uma revolução, durante a qual teve de encarar esfinges e, com o auxílio da imaginação candente que a natureza lhe deu, decifrar enigmas psicológicos de terribilidade inexprimível. Nascido para a poesia e, ao mesmo tempo, dotado de uma grande visão, que lhe tornava perigoso o exercício da faculdade de observação... Essa passagem acrisolou-lhe os estigmas literários; os acontecimentos expungiram o seu espírito... (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 258).

Todavia, em “Dois grandes estilos: Contrastes e Confrontos” (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 271), comparando especificamente o estilo de Rui Barbosa ao de Euclides, Araripe observa que, na obra deste último escritor, os sentimentos proporcionados pela presença do Movimento de Canudos refletiram-se na escrita e, de certa maneira, na psique do autor. Do mesmo modo, a aproximação *psicoestética* não só tende a elucidar a maneira pela qual Euclides representava e readaptava os acontecimentos por ele presenciados, mas também almeja proporcionar ao leitor uma minuciosa explicação da obra literária: “a emoção anda-lhe muito por perto da crosta da terra onde pisa... É o reflexo perfeito dos estados de sua alma... *Os sertões* se ressentiram do tumulto estético que a muita gente arrepiou” (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 271). Por assim dizer, aqui, de forma explícita a mente do escritor torna-se ferramenta da análise crítica.

Ao averiguar o modo pelo qual Araripe compreende a correlação entre o autor, o meio e a produção artística, percebe-se que há uma pretensão de exemplificar os efeitos propiciados pela fruição estética — e não é possível observar os seus comentários de análise como meras paráfrases ou meras descrições sem finalidade alguma¹². Com efeito, a perspectiva crítica está às voltas com a própria criação literária, ou seja, Araripe Júnior, de modo bastante peculiar, deseja trilhar os mesmos caminhos percorridos por Euclides, a fim de tentar desvendar os segredos mais recônditos de *Os sertões*. Por essa razão, a análise é sistemática, isto é, o crítico aprecia a obra do início ao fim, delimitando os seus principais capítulos, ora citando literalmente os seus trechos, ora descrevendo-os com o intuito de melhor exemplificá-los. Na verdade, depreende-se que talvez esta seja uma preocupação constante no seu discurso crítico, visto que as produções literárias por ele analisadas são concebidas como um “produto íntimo do ato criativo”; e para desvendá-las (decifrar os seus significados mais profundos) seria preciso percorrer as intermitências existentes entre o autor, a obra e, principalmente, o espaço no qual ela é produzida e do qual é fruto. De tal forma, pode-se dizer que Araripe Júnior, bem como alguns de seus contemporâneos, almeja averiguar:

Como funciona a mente de um escritor? Quais os fatores imponderáveis que o levam a escrever isto e não aquilo, deste ou daquele modo? No século XIX essas questões foram subordinadas à ideia de causa e do seu mecanismo; mas a causa foi tomada ao mundo natural e social, num esforço enorme para atenuar a presença do imponderável. Aqueles

¹² Em uma de suas explicações sobre a função da crítica, Araripe Júnior elucidava muito bem o que foi exposto acima: “de tudo isto o que se depreende é que a cultura, no ponto de vista da crítica, não pode ter outro objetivo senão instituir métodos, coligir experiências, que facilitem, a uns, o apreço da obra de arte, e a outros, o aumento da própria força produtiva” (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 271).

homens pensaram que, se fosse possível descobrir motivos naturais, o mecanismo se desvendaria e o estudioso surpreenderia no vivo a própria natureza do ato criador... (CANDIDO, 1978, p. 27-28)¹³.

Além disso, é importante observar que a sondagem elaborada em torno da figura de Antônio Maciel e de seus seguidores, sob o prisma analítico de Araripe, visa estabelecer uma relação entre os fatos ocorridos no arraial de Canudos e, por exemplo, a maneira pela qual o Conselheiro agia ou o porquê do fetichismo “religioso” em torno deste mito dos sertões da Bahia.

Assim, sublinha-se uma tentativa de analisar a psicologia a partir da genealogia de Antônio Vicente Mendes Maciel e dos sertanejos que o acompanhavam — tal o aspecto de “insânia coletiva”, apontada pelo crítico, restringindo-os ao ambiente: quer seja o de origem, quer seja, posteriormente, o dos sertões. Como exemplo, o crítico elucida que os cearenses (casta à qual pertencia o Conselheiro) provêm de uma raça forte e resistente, e, em virtude do meio em que eles vivem, são homens *novidadeiros*. Estas e outras informações são dadas ao leitor no momento em que Araripe Júnior retoma as características apresentadas no livro de Euclides, sobre a biografia de Antônio Maciel. Não obstante, o crítico conclui que “O Sr. Euclides da Cunha imputou, talvez, maior importância do que deveria a esse despeitado da vida, que o meio torceu, convertendo-o, posteriormente, no instrumento de que o sertão carecia para arremeter... contra os soldados... enviados pela civilização para puni-los de seu atraso” (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 229). Percebe-se que o crítico tenta desenvolver uma maneira de exemplificar o modo por que Antônio Conselheiro se adaptou aos sertões, ou seja, como ele passou pelo processo da *Obnubilação Brasileira*.

Por conta disso, é constituída uma analogia entre a civilização e barbárie. Araripe Júnior, em um primeiro momento, separa sistematicamente os bárbaros (representados pelos jagunços ou sertanejos) dos civilizados (como membros do Exército, seguidos pelo próprio Euclides da Cunha e, conseqüentemente, pelos jornalistas que estavam em Canudos). Entretanto, para Araripe, à medida que os combatentes da civilização entravam em contato com o meio sertanejo, também se tornavam bárbaros: “seria a última desforra: obrigar o soldado a ser jagunço; irmaná-lo, abraçando-se com ele, e morrer, na unidade do último fanático, junto ao sepulcro do Conselheiro, à vista das legiões do exército da nação que mandara exterminar Canudos” (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 250). Para o crítico, enfim, os responsáveis pelas atrocidades por que passaram os soldados e os jagunços não eram somente o governo e o Exército, mas sim toda a população e, por extensão, a imprensa da época, pois foram eles que colaboraram, de certo modo, para que um mero quilombo se transformasse em um acontecimento sensacionalista:

Os sofrimentos dos gregos nos desertos da pérsia e os desesperos dos mercenários, trancados nos desfiladeiros de *La Pache*, não me comoveram mais do que os dos nossos patrícios, vítimas da imprevidência, não deste Governador, daquele general ou desse outro aconselhador, mas de todos nós, que concorremos para transformar um quilombo, talvez sem importância, em um arraial... (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 245).

¹³ Nota-se que, para compreender o que Candido afirma acima, antes é preciso entender como a crítica de fins do século XIX concebia a análise literária e a literatura.

As ocorrências constituídas no Movimento Messiânico de Canudos, para Araripe Júnior, somente podem ser elucidadas através do meio sertanejo: da influência de seu clima impetuoso sobre os que lá habitavam e sobre as pessoas que nele ousavam penetrar. Assim, os métodos mesológico e psicoestético fundem-se de modo exemplar.

Logo, a partir das teorias raciais, ninguém conseguiria explicar o ocorrido, já que até mesmo o homem branco e civilizado – representado n’*Os sertões* – aparece sob a égide da barbárie. Ao ler a presente apreciação de Araripe, averigua-se que a civilização (junto à sua acepção de progresso) é, principalmente, posta em xeque. Sendo assim, não é difícil perceber que, conscientemente ou não, as teorias científicas da época também são questionadas. Não era por acaso que Araripe Júnior buscava constantemente o aperfeiçoamento de seu método crítico. Nesse sentido, pode-se dizer que a análise exposta acima a respeito da obra de Euclides, tal como ocorreu com Sílvio Romero, ajudou Araripe a desenvolver frutíferas reflexões sobre a sua própria metodologia crítica e sobre a literatura.

Conforme Alexandre Lima, no começo do século passado, Araripe estava preocupado com as abordagens analíticas tradicionais: “a linguagem que se baseia na sujeição às riquezas do Brasil, que teria influenciado Araripe na análise crítica das obras literárias, responsável pelas projeções ‘idílicas’ do homem e do meio, aos poucos cede espaço, ou melhor, é incrementada e se adensa a partir de fontes teóricas mais modernas” (LIMA, 2004, p. 29-30). Partindo de tais pressupostos, é impossível negar a contribuição da obra crítica de Tristão de Alencar Araripe Júnior para os estudos modernos de literatura brasileira e de cultura em geral.

VI. À guisa de conclusão

Ao reler as análises destes dois antigos mestres da crítica brasileira, percebe-se, por um lado, uma ampla tentativa de organizar e resgatar a história da cultura e da literatura nacionais; por outro, é possível encontrar, em seus discursos, algumas premissas-chave que influenciaram, significativamente, a fortuna crítica d’*Os sertões* ou apreciações que se basearam nos métodos de Araripe e de Romero. Por exemplo, segundo Cairo (1998), a composição crítica de Araripe foi um dos paradigmas seguidos por Oswald de Andrade para elaborar o seu Manifesto Antropófago. Por sua vez, no caso Romero, Candido (1988, p. 8) ressalta que é fundamental retornar à obra deste analista “se quisermos compreender a formação do espírito crítico no Brasil”. Aqui, para Romero, uma das principais funções da crítica estava relacionada ao meio sociológico e conseqüentemente (em seu “Discurso pronunciado aos 18 de dezembro de 1906, por ocasião da recepção de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras”), a tendência de interligar a análise literária ao universo social fica bem mais evidente.

As análises que Romero e Araripe fazem da Campanha de Canudos revelam importantes traços do pensamento crítico destes dois intérpretes do Brasil. Se, de uma parte, Romero sublinha a relação entre civilização e barbárie, destacando a tríade: meio, raça e momento histórico e pontuando, a um só tempo, seu método crítico-sociológico, de outra, a partir da análise propiciada pelo conceito de Obnubilação Brasília e do exame psicoestético ou mesológico, Araripe demonstra certas peculiaridades em sua abordagem crítica, preocupada em aperfeiçoar as técnicas da análise literária. Todavia, ao relacionar o exame que Romero e Araripe fazem d’*Os sertões*, observa-se uma singular união entre a perspectiva crítica e a produção literária por eles investigada.

Por exemplo, pode-se destacar que o comentário de Araripe Júnior está diretamente sobreposto ao trabalho literário de Euclides da Cunha; a elaboração estética foi, peculiar e conscientemente, reorganizada a seu método investigativo. Desse modo, readaptando as palavras de Barthes, pode-se dizer crítica e literatura se fundem: “uma mesma linguagem tende a circular por toda a literatura, e até por detrás dessa própria linguagem; o livro é assim tomado pelo avesso por aquele que o faz; não há mais poetas nem romancistas: há apenas uma escritura” (BARTHES, 1970, p. 210). As concepções artísticas, históricas, sociológicas e científicas aparecem mutuamente interligadas, constituindo, até certo ponto, um só discurso.

Ao se debruçar sobre *Os sertões*, Araripe deixa este aspecto exemplificado acima muito mais saliente do que Romero. Aquele, ao apresentar o romance para o leitor, tende a perpassar pelo mesmo “*vale da morte*”, vivenciado e analisado pelo próprio Euclides da Cunha. Mas Araripe conecta a sua apreciação crítica à metodologia cientificista adotada pelo romancista a fim de relacioná-la, sobretudo, à sua aceção interpretativa *mesológica* ou *psicoestética*. De seu lado, Romero examina a obra euclidiana à medida que compõe uma ampla interpretação do Brasil – quer problematizando as mazelas sociais representadas n’*Os sertões*, quer questionando a elite cultural da época — para sublinhar a necessidade de repensar, em profundidade, as discrepâncias suscitadas naquele momento histórico.

Por outras palavras, em Araripe, tem-se a influência que o meio exerce sobre o homem “bárbaro” e “civilizado” ou como ela atinge a psique criativa; em Romero, estão apontadas as causas históricas, políticas e sociais dos episódios ocorridos no arraial de Canudos. Em ambos, existe um tipo de desilusão acarretada pelas contradições de um “antigo ideal de progresso”. Todos estes aspectos confirmam a verificação, por parte de cada autor, de que o romance *Os sertões* é um dos maiores livros já escritos em língua portuguesa. Sem dúvida, readaptando as teorias europeias ao contexto brasileiro, ambos ajudaram a criar uma metodologia de cunho genuinamente nacional.

Enfim, ao comparar os discursos dos dois estudiosos de Euclides da Cunha, a relação entre as abordagens “não-estética”, “estética” e “propriamente técnica” torna-se mais explícita; as aceções em torno dos métodos mesológico, psicoestético e crítico-sociológico ficam bem mais delimitadas. Não por acaso, verifica-se a grande influência exercida por Sílvio Romero e por Araripe Júnior sobre outros estudos da posterior fortuna crítica d’*Os sertões*. Como exemplo disso, tem-se os livros: *Estilo tropical: história, cultura e polêmicas literárias no Brasil*, de Roberto Ventura; *O salto por cima da própria sombra*, de Luiz Roberto Velloso Cairo; *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*, de Francisco Foot Hardman, entre muitas outras obras que marcaram a interpretação da produção euclidiana dos séculos XX e XXI.

REFERÊNCIAS

ARARIPE JÚNIOR, T. A. *Literatura brasileira. Obra Crítica de Araripe Júnior* (Direção de A. Coutinho). Rio de Janeiro: MEC – Casa de Rui Barbosa, 1958. 5 volumes.

_____. Os sertões. In: BOSI, A. (Org.). *Araripe Júnior. Teoria, crítica e história literária*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p. 219-253.

- AZEVEDO, S. M. Manuel Benício: um correspondente da Guerra de Canudos, *Revista USP – Dossiê Os sertões: cem anos*, São Paulo, n. 54, p. 82-95, jun.-ago. 2002.
- BARBOSA, J. A. (Org.). *José Veríssimo. Teoria, crítica e história literária*. São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- BARTHES, R. *Crítica e verdade*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 185-231.
- BERNUCCI, L. M. Prefácio. In: CUNHA, E. *Os sertões: Campanha de Canudos* [edição, prefácio, cronologia, notas e índices de Leopoldo M. Bernucci]. São Paulo: Imprensa Oficial; Cotia: Ateliê Editorial, 2002a.
- _____. Pressupostos historiográficos para uma leitura de Os sertões, *Revista USP – Dossiê Os sertões: cem anos*, São Paulo, n. 54, p. 6-15, jun.-ago. 2002b.
- BOSI, A. (Org.). *Araripe Júnior. Teoria, crítica e história literária*. São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- CALASANS, J. Canudos – origem e desenvolvimento de um arraial messiânico, *Revista USP – Dossiê Os sertões: cem anos*, São Paulo, n. 54, p. 72-81, jun.-ago. 2002.
- CANDIDO, A. (Org.). *Sélvio Romero. Teoria, crítica e história literária*. São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- _____. *O método crítico de Sélvio Romero*. São Paulo: EDUSP, 1988.
- CAIRO, L. R. *O salto por cima da própria sombra*. São Paulo: Annablume, 1996.
- _____. Araripe Júnior e a construção do nacional. In: *Continente sur Sul*, v. I, Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1998. p. 1-10.
- COSTA LIMA, L. Os sertões: história e romance. In: _____. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 373-386.
- COUTINHO, A. (Org.). *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Pallas S. A./INL-MEC, 1980. 2 volumes.
- _____. Realismo, Naturalismo, Parnasianismo. In: COUTINHO, E. F. (Org.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. rev. e at. v. 4. São Paulo: Global, 1997. p. 4-20.
- CUNHA, E. *Os sertões*. Edição crítica e organização de Walnice Nogueira Galvão; fortuna crítica: Vários autores; fotos de Flávio de Barros. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016.
- GALVÃO, W. N. *No calor da hora: a Guerra de Canudos nos Jornais, 4ª Expedição*. São Paulo: Editora Ática, 1977.
- HOLANDA, S. B. *O espírito e a letra – estudo de crítica literária, 1947 – 1958*. [Organização, introdução e notas de Antonio Arnoni Prado]. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 2 volumes.
- LIMA, A. *A literatura e o corpo na obra de Araripe Júnior: um estudo sobre a relação entre a insanidade e a atividade literária no final do século XIX*. 2004. 210 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ROMERO, S. Discurso pronunciado aos 18 de dezembro de 1906, por ocasião da recepção do Dr. Euclides da Cunha [Academia Brasileira de Letras]. In: _____. *Provocações e Debates: Contribuições para o Estudo do Brasil Social*. Porto: Livraria Chardon, 1910. p. 335-400.

_____. *História da literatura brasileira*. 7. ed. v. 5. Rio de Janeiro: José Olympio/ INL-MEC, 1980.

SCHNEIDER, L. *Sílvio Romero, Hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.

VENTURA, R. Euclides da Cunha no vale da morte, *Revista USP – Dossiê Os sertões: cem anos*, São Paulo, n. 54, p. 16-29, jun.-ago. 2002.

_____. *Estilo tropical: história, cultura e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Recebido em: 31/07/2016

Aprovado em: 05/03/2017